



Santo André quer saber como tratar os grupos mais vulneráveis

INCLUSÃO SOCIAL

Ampliando oportunidades

Mulheres e negros, o alvo de programas no ABC

Melhorar as chances de empregabilidade da população, especialmente entre os grupos sociais mais vulneráveis e sujeitos à discriminação no mercado de trabalho, é hoje um dos grandes desafios da região do ABC paulista, que vive profundas transformações econômicas, políticas e sociais. Preocupada em ampliar as oportunidades de emprego para mulheres e negros, a Prefeitura Municipal de Santo André sentiu necessidade de um diagnóstico confiável das dificuldades ocupacionais desses grupos. Projeto financiado pela FAPESP e coordenado por Márcia de Paula Leite, da Faculdade de Educação da Unicamp, veio responder a essa necessidade, estabelecendo para isso parcerias com, entre outros, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).

Na primeira fase do projeto (primeiro semestre de 2000), foi testada a metodologia proposta. Seus objetivos são: produzir um diagnóstico dos problemas de inclusão de mu-

lheres e negros, nos anos 90, nos setores mais tradicionais da região – automobilístico e químico/petroquímico –, mostrando as grandes tendências de mudanças nesses segmentos e analisando a forma como os próprios atores sociais (trabalhadores, ONGs, empresas privadas, etc.) percebem essas mudanças; analisar os resultados do diagnóstico; dar um balanço das diversas iniciativas inovadoras existentes; integrar funcionários dos órgãos de gestão local e profissionais das ONGs ao processo de preparação de diagnóstico, para que possam repassar treinamentos ao fim do projeto.

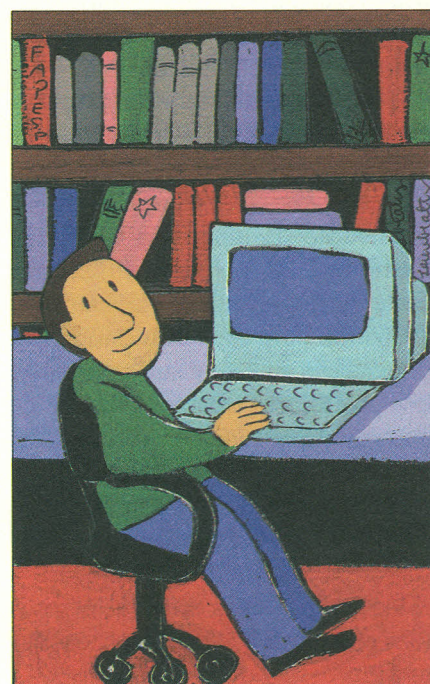
A segunda fase do projeto, com término previsto para fevereiro de 2003, pretende estender a metodologia aplicada na primeira fase aos setores de comércio, de serviços e ao setor bancário. “Nossa próxima ação é um ciclo de seminários de especialistas e agentes locais, de forma a capacitá-los e envolvê-los”, diz Márcia Leite. “Paralelamente, realizaremos o estudo e diagnóstico no setor de comércio.”

MODERNIZAÇÃO

Hemeroteca digitalizada

Internet facilitará consultas de artigos

A Biblioteca Municipal Professor Ernesto Manoel Zink, de Campinas, está prestes a ganhar uma versão eletrônica de sua hemeroteca, que reúne recortes de jornais e revistas desde 1952. O projeto, coordenado pela pesquisadora Clarinda Rodrigues Lucas, diretora da biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, conta com o amparo do Programa de Pesquisas em Políticas Públicas da FAPESP. O acervo a ser preservado é uma importante fonte de pesquisa não só para estudantes de 1º e 2º graus. “A hemeroteca guarda grande parte da memória da cidade e da região de Campinas. A idéia é digitalizar o acervo e colocá-lo na Internet para consultas do público e, principalmente, dos vereadores e políticos da região, servindo



COMUNIDADES

de base para o desenvolvimento de programas públicos municipais”, diz Clarinda.

Único na cidade, o acervo da hemeroteca “é muito manuseado e, como é um material delicado, formado por um recorte colado a um papel sulfite, está sendo destruído”, conta Gláucia Pécora, diretora da Biblioteca Municipal de Campinas. “Por isso, o projeto é tão importante, pois além de preservar esse acervo em meio eletrônico, abre novas possibilidades de pesquisa”, diz.

A hemeroteca conta com mais de 2 mil títulos, incluindo não só as notícias sobre a região, que representam metade do acervo, mas também temas específicos sobre ciência, cultura, esportes e outros assuntos, cada qual com cinco ou seis pastas de recortes. “É a principal fonte de atualização da biblioteca, já que não temos muitos recursos para a compra de livros”, afirma Gláucia. Além das informações retiradas de jornais e revistas, em um total de 60 mil páginas em formato eletrônico PDF (*Portable Document Format*), a página da biblioteca na Internet – ainda em construção dentro do endereço www.campinet.sp.gov.br – contará também com cópias da legislação e de documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação, com o intuito de atender a demanda de professores da rede pública.

Na última etapa do projeto, prevista para novembro de 2002, os livros também serão digitalizados e colocados na Web, completando a construção da biblioteca virtual de Campinas. “O site terá um extenso material de pesquisa”, diz Clarinda, “servindo para trabalhos estudantis, para a elaboração de aulas por parte dos professores e para a consulta de autoridades e funcionários do setor público”. Atualmente, o setor permanente da Biblioteca Municipal de Campinas, na qual encontra-se a hemeroteca, costuma receber quase 6 mil usuários a cada mês, que pesquisam cerca de 5.800 assuntos de todas as áreas.

Radiografia da periferia

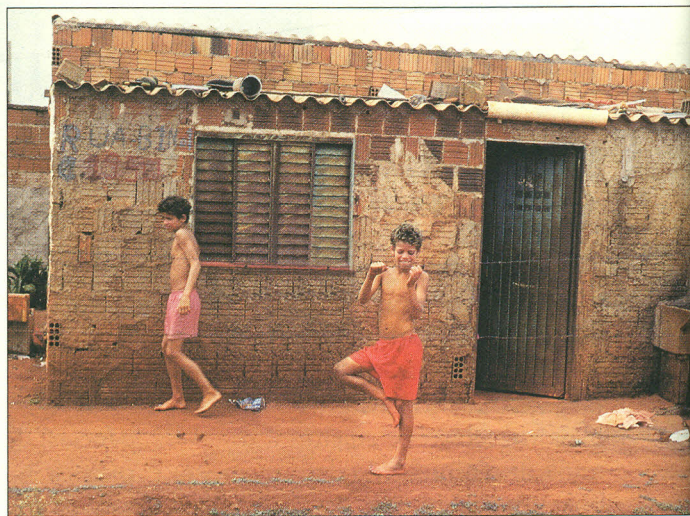
Em estudo, como vivem os migrantes de Ribeirão

Três bairros da periferia da cidade são o alvo de pesquisa que está sendo realizada por professores da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), com apoio da FAPESP. O desenvolvimento do projeto vai mostrar quantos são, de onde e porquê vieram e como vivem os moradores do Jardim Progresso, do Conjunto Habitacional Avelino Alves Palma e do Conjunto Anhangüera (uma fazenda loteada), em Ribeirão Preto. “Hoje a prefeitura não tem nenhum levantamento preciso a respeito desses locais. Partindo do pressuposto básico da antropologia, de conhecer as comunidades do seu interior, fazemos diários de campo, entrevistas e observamos a reali-

dade”, diz a socióloga Maria Esther Fernandes, que coordena o projeto. As informações levantadas darão subsídio à formulação de políticas públicas em educação, saúde, segurança, saneamento, transporte, emprego, meio ambiente e outros. A intenção da coordenação é organizar um livro com esses dados.

Parte dos recursos da FAPESP foi aplicada na compra de equipamentos que facilitam o registro do cotidiano, como máquinas fotográficas, filmadoras e gravadores. O projeto está na segunda fase desde outubro passado. “Desde que iniciamos a pesquisa de campo, vários aspectos tornaram-se im-

portantes, como o problema da violência. No trabalho ombro-a-ombro, conseguimos a colaboração de policiais que atendem à comunidade do Jardim Progresso”, conta a socióloga. O envolvimento dos líderes comunitários no projeto é crescente, especialmente daqueles que atuam na Pastoral da



A maioria das famílias vem do Nordeste e de Minas

Saúde. A participação do poder público também se ampliou. O parceiro formal do projeto é a Secretaria da Cidadania e Desenvolvimento Social da prefeitura. No entanto, as secretarias da Educação e da Saúde integraram-se à equipe que atua no Jardim Progresso, o antigo Jardim Sem-Teto, área ocupada há cinco anos por cerca de 2 mil famílias vindas principalmente do Nordeste e do Vale do Jequitinhonha, em Minas, à procura do emprego que a então chamada Califórnia paulista prometia. Com os migrantes de lá, pretendem realizar um trabalho que possa servir de modelo.